



## SEÇÃO RELATO DE EXPERIÊNCIAS LIVRES

# Audiodescrição no ensino da Língua Brasileira de Sinais para uma pessoa com baixa visão: uma experiência docente a serviço da educação inclusiva

*Audio description in teaching Brazilian Sign Language to a low vision person: a teaching experience at the service of inclusive education*

Adriana da Paixão Santos<sup>1</sup>

Elisangela Oliveira Matos<sup>2</sup>

### RESUMO

Em 2020 e 2021, a educação precisou buscar metodologias de trabalho que contemplassem o ensino remoto. No Brasil, locus de aplicação desta proposta, muitos estudantes com deficiência ficaram à mercê de atividades pedagógicas sem qualquer tipo de recurso de acessibilidade, desde arquivos textuais em formato de imagem à utilização de elementos visuais sem audiodescrição. Uma situação muito específica deste processo foi o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contexto remoto a estudantes com deficiência visual. Seria imprescindível, neste caso, a elaboração de uma proposta de trabalho conjunta entre o especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o docente do componente curricular. Este registro tem por objetivo descrever o enriquecimento de práticas docentes realizadas em contexto remoto no atendimento educacional especializado de uma aluna com baixa visão e estudante de Pedagogia de uma universidade federal, tendo como suporte o uso da Audiodescrição Didática – ADD. Sendo uma experiência piloto das autoras, o artigo traz alguns conceitos necessários para o desenvolvimento da atividade: audiodescrição e sua estrutura-base, audiodescrição didática, Língua Brasileira de Sinais e seus parâmetros, além de elementos necessários à compreensão do atendimento educacional especializado. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação, na qual uma autora se fez presente em todas as aulas a fim de recapitular os conhecimentos prévios sobre a Língua Brasileira de Sinais e como ela poderia ser ensinada, de maneira remota, à estudante com baixa visão. Conclui-se que o uso da audiodescrição no ensino de Libras não só contribui para a aprendizagem de pessoas com baixa visão, mas também colabora para a organização da espacialidade daqueles que são considerados indivíduos típicos, isto é, o sujeito que não apresenta deficiências, transtornos de desenvolvimento ou quaisquer tipos de distúrbios de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Baixa Visão. Audiodescrição Didática. Língua Brasileira de Sinais.

1 Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual Prof<sup>a</sup>. Cátia Maria Paim da Cruz – Salvador, BA, Brasil  
Mestra em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
E-mail: adrianasantos20@gmail.com

2 Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação (UFBA)  
E-mail: elisangelamatos814@gmail.com.



## **ABSTRACT**

In 2020 and 2021, education needed to seek work methodologies that contemplated remote teaching. In Brazil, the locus of application of this proposal, many students with disabilities were at the mercy of pedagogical activities without any kind of accessibility resource, from textual files in image format to the use of visual elements without audio description. A very specific situation of this process was the teaching of Brazilian Sign Language (BSL) in a remote context to visually impaired students. It would be essential, in this case, the elaboration of a proposal for joint work between the specialist in Specialized Educational Service (SES) and the teacher of the curricular component. This paper aims to describe the enrichment of teaching practices carried out, in a remote context, in the specialized educational service of a student with low vision and student of Pedagogy of a federal university, having as support the use of Didactic Audio Description – DAD. Being a pilot experience of the authors, the article brings some concepts necessary for the development of the activity: audio description and its basic structure, didactic audio description, Brazilian Sign Language and its parameters, as well as elements necessary to understand specialized educational care. The methodology applied was action research, in which one of the authors was present in all classes in order to recapitulate the previous knowledge about the Brazilian Sign Language and how it could be taught, remotely, to this student with low vision. It is concluded that the use of audio description in the teaching of BSL not only contributes to the learning of people with low vision, but also contributes to the organization of the spatiality of those who are considered typical individuals, that is, the subject who does not present disabilities, developmental disorders or any type of learning disorders.

Keywords: Inclusive Education. Specialized Educational Service. Low Vision. Didactic Audio Description. Brazilian Sign Language.

## **Introdução**

Ao adentrar em uma sala de aula, o docente, na maioria das vezes, acredita que seu trabalho irá se resumir ao processo ensino-aprendizagem dentro das suas possibilidades, considerando que tão somente irá atender estudantes desafiadores, comportados, enfim, aqueles que apresentam um comportamento considerado típico de crianças, jovens e adultos. Mas, quando se depara com um estudante com algum tipo de deficiência, pode ocorrer uma desorganização, tanto didática quanto comportamental, de todos que estão ali inseridos.

Tratando-se de pessoas com deficiência, o processo de aprendizagem torna-se ainda mais complexo, uma vez que as adaptações didático-pedagógicas são específicas e desafiadoras, como material adaptado em braille, tradutor-intérprete de Língua de Sinais, cadeiras adaptadas. Uma série de modificações surgem e devem ser realizadas com certa urgência, pois assistem estudantes que precisam dessa acessibilidade para que acompanhem as atividades sem prejuízos.

Estudantes da Educação Básica contam com o Atendimento Educacional Especializado, conhecido como AEE, no qual, a partir do atendimento realizado no contraturno, o estudante tem acesso a diversas estratégias adaptadas às suas especificidades de aprendizagem na condição de deficiência ou um dado transtorno, orientando-o a acompanhar as aulas considerando as necessidades de sua deficiência ou transtorno. Estudantes do Ensino Superior contam,



geralmente, com os materiais adaptados pelos chamados Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais<sup>3</sup>, NAPE ou NAPNE, dependendo de cada Instituição de Ensino Superior (IES). Contudo, no período de transição entre o ensino remoto e o ensino presencial, houve uma grande demanda no atendimento realizado por esses núcleos, que não atenderam de maneira efetiva os estudantes que precisaram de acompanhamento durante as aulas.

O artigo apresenta uma atividade realizada durante esta fase considerada crítica para todo o mundo, uma vez que estávamos enfrentando uma pandemia de grandes proporções, causada pela disseminação desenfreada do coronavírus, que se iniciou no final de 2019. A atividade desenvolveu-se no primeiro semestre de 2022, no componente LET E48 – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS<sup>4</sup> (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2012), do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. A prática, realizada com uma discente com baixa visão por retinose pigmentar em rápida progressão, pedia atividades muito concretas e que fizessem algum sentido na construção daquele conhecimento que, muitas vezes, a aluna alegava ser impossível aprender. Mas, em contexto pandêmico e associado ao ensino remoto suplementar, era essencial trazer um recurso que pudesse oferecer à aluna conceitos e elaborações metodológicas outras que suprissem a ausência da aprendizagem tátil.

Então veio a necessidade de se utilizar um recurso de tecnologia assistiva que tivesse as características listadas pela estudante, tendo a primeira autora, de maneira lúcida e consciente, optado pela audiodescrição. Tanto aquela quanto a docente da disciplina concordaram. A seguir, será feito um detalhamento de como a audiodescrição contribuiu para uma prática docente inclusiva, considerando sua ocorrência em um ambiente remoto.

## **2 Bases teóricas**

Para compreender a Língua de Sinais e como ela poderia ser apresentada a uma estudante com baixa visão, foi necessário organizar um referencial teórico que contemplasse a Libras e a audiodescrição, dois recursos de tecnologia assistiva que, inicialmente, atende dois públicos diversos, o que tem deficiência visual e o que tem surdez.

### **2.1 Língua Brasileira de Sinais – parâmetros**

Muitas são as Línguas de Sinais pelo mundo. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais, conhecida por sua sigla Libras. Assim como na Língua Portuguesa, temos muitas varia-

---

3 Considerando o âmbito federal, muitos Núcleos de Atendimento ao Estudante com deficiência utilizam o termo “necessidades específicas” em sua denominação. No caso da IES ora apresentada, o NAPE usa o termo “Necessidades Educacionais Especiais”, conforme Resolução nº 2, de 11/09/2001, com base no Parecer 17/2011, homologado em 15/08/2001 (SASSAKI, 2006, p. 160-175).

4 Grafia apresentada conforme p. 32 do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Diurno, da Faculdade de Educação da IES. (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2012).



ções regionais na Libras, tornando ainda mais interessante e rico o aprendizado desta língua. Sim, a Libras é uma língua, pois apresenta estruturas gramaticais que lhe conferem tal *status*. Além disso, precisamos ter consciência de que a Libras não é derivação das línguas orais auditivas, uma vez que possui, conforme dito anteriormente, uma estrutura gramatical específica e independente (FERREIRA *et al.*, 2011).

Felipe e Monteiro (2006) reiteram que

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, e em relação às suas estruturas porque elas também são compostas pelos níveis morfológico, sintático e semântico (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 21).

Mas, para sinalizar, é necessário ao usuário uma organização corporal e o uso de expressões faciais que sejam condizentes à produção de cada sinal, sejam números, palavras ou frases. Usualmente, são utilizados cinco parâmetros, quais sejam:

a) **Configuração de mão:** é a forma como a mão está posicionada ao realizar o sinal. Na Libras, são 64 configurações diferentes, que podem ser realizadas com uma ou duas mãos, dependendo do sinal.

b) **Ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, que pode tocar em alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor).

c) **Movimento:** os sinais podem ter movimento ou não. Dois exemplos são a letra Ç e C. O que difere uma da outra é o movimento estabelecido para o Ç, que é movimentar o pulso, para frente e para trás, com a mão em configuração de C, conforme a seguir:

**Quadro 1.** Quadro com a representação gráfica das letras C e Ç, em Libras e audiodescrição

C 	<b>Descrição da imagem:</b> Palma da mão para frente. Mão na altura da boca. Dedos curvados, formando um semicírculo (movimento análogo ao ato de pegar um copo, porém sem encostar as pontas dos dedos).
Ç 	<b>Descrição da imagem:</b> Palma da mão para frente. Mão na altura da boca; dedos curvados, formando um semicírculo (movimento análogo ao ato de pegar um copo, porém sem encostar as pontas dos dedos). Girar o pulso duas vezes, para frente e para trás.

**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

d) **Orientação/direcionalidade:** os sinais têm uma direcionalidade com relação aos parâmetros já apresentados.

**Quadro 2.** Quadro com a representação gráfica da letra L e do ponto cardinal Leste, em Libras e audiodescrição

<p>L</p> 	<p><b>Descrição da imagem:</b> Palma da mão para frente. Dedos mínimo, anelar e médio dobrados na palma. Indicador esticado para cima. Polegar esticado para fora.</p>
<p>Leste (ponto cardinal)</p> 	<p><b>Descrição da imagem:</b> Mão em configuração de L, colocada no centro do tórax. Sem mover a mão, mover o braço para a direita.</p>

**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

e) **Expressão facial e/ou corporal:** muitos sinais têm em sua configuração, como um traço diferenciador, a expressão facial e/ou corporal.

Considerando os parâmetros da Libras acima apresentados e buscando configurar uma atividade pedagógica para ensinar uma pessoa com baixa visão, faz-se importante saber que as línguas de sinais têm como princípio serem essencialmente gestuais-visuais, uma vez que as informações linguísticas ali apresentadas têm como canais de apreensão o tato e a visão (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Portanto, a Língua de Sinais, independentemente do local, precisa ser respeitada enquanto língua primeira da pessoa surda. Ela tem elementos sintáticos e semânticos tanto quanto qualquer outra língua não gestual e representa uma comunidade que está fundamentada em uma identidade e cultura próprias de seus usuários.

## 2.2 Deficiência visual e audiodescrição

A deficiência visual é considerada por muitos uma incapacidade sensorial que provoca naqueles que não a conhecem reações como medo, gerando uma superstição que beira a ignorância. As pessoas, de um modo geral, consideram a pessoa com deficiência visual (cega ou com baixa visão) como incapaz fisicamente e, também, possuidora de dons sobrenaturais ou de percepções extrassensoriais.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a baixa visão (BV) ocorre quando “[...] o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor que 20° no melhor olho com a melhor correção óptica” (LOURENÇO *et al.*, 2020, p. 1). Assim, ela “[...] corresponde a um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos, que não pode ser sanado, por exemplo, com o uso



de óculos convencionais” (LOURENÇO *et al.*, 2020, p. 1). Sendo este tipo de deficiência visual uma situação intermediária entre a visão em sua totalidade e a cegueira, a pessoa com a melhor correção óptica convencional, ou após tratamento cirúrgico, ainda assim não consegue realizar uma ou várias tarefas diárias, como escrita, leitura, deslocamento na rua, ou pode ter dificuldade para ver televisão, cozinhar, dentre outras atividades, não significando que não venha a necessitar de recursos de tecnologia assistiva como programas leitores de tela, do braille ou da audiodescrição (AD).

Organizar um plano de atendimento educacional individualizado para uma pessoa com deficiência visual necessita da leitura do relatório gerado a partir de uma avaliação oftalmológica. Informações acerca da patologia, tais como o nível de acuidade e campo visuais proporcionam pesquisas que auxiliam a elaboração de estratégias pedagógicas imprescindíveis para potencializar o resíduo visual ou a sensorialidade da pessoa com baixa visão, especificidade ora apresentada no texto.

Em 2018, em artigo publicado na *Revista Inventário*, Franco (2018) reapresenta o conceito de AD da seguinte forma:

Entende-se por audiodescrição (AD), uma modalidade de tradução audiovisual (TAV) intersemiótica que objetiva, prioritariamente, o acesso de pessoas com deficiência visual a produtos visuais (obras de arte, ilustrações, gráficos e fotos, por exemplo) e audiovisuais (filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, conferências, eventos esportivos, e outros) através da tradução de signos visuais em signos acústicos, ou seja, da transformação de imagens em palavras (FRANCO, 2018, p. 2).

Trata-se, portanto, de uma tradução *intersemiótica*, em que temos uma recodificação de signos não verbais em signos verbais, que oferece uma descrição das informações visuais que não estão contidas no diálogo, como expressões faciais, gestos, ambientes, figurinos, mudanças de tempo, títulos. É descrever as imagens, é traduzi-las em palavras, oferecendo uma construção de retrato verbal de pessoas, paisagens, objetos, cenas e ambientes, sem expressar julgamento ou opiniões pessoais a respeito.

No Brasil, a utilização do recurso foi inspirada a partir de um festival alemão de cinema, *Como nós vivemos*<sup>5</sup>, que, em 2001, exibiu o primeiro curta-metragem escrito e dirigido por Gustavo Acioli, produzido por Lara Pozzobon da Costa, *Cão Guia*<sup>6</sup>, produzido em 1999. Em agosto de 2003, o Festival *Assim Vivemos* tornou-se o primeiro evento público de exibição de filmes no Brasil a apresentar curtas metragens já com o recurso de acessibilidade AD. Graciela

5 Traduzido do alemão *Wie wir Leben*.

6 Disponível em: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=cao\\_guia](http://portacurtas.org.br/filme/?name=cao_guia). Acesso em: 14 nov. 2020.



Pozzobon destacou-se como a primeira audiodescritora do festival que, na edição de 2007, foi pioneiro em convidar uma pessoa cega, Marco Antônio de Queiroz, o MAQ<sup>7</sup>, para fazer parte do júri e premiar as melhores películas. Ainda nesse Festival, foram apresentadas muitas obras em língua estrangeira, o que necessitou da combinação de duas técnicas tradutórias diferentes: a AD e a audiolegendagem (AL) (FRANCO; ARAÚJO, 2011).

Ao audiodescrever uma obra, é necessário que isso ocorra na língua de origem (em nosso caso, na língua portuguesa). Portanto, somente produções nacionais ou produtos internacionais previamente dublados podem ser audiodescritos. Caso um filme estrangeiro esteja legendado, além de ter seus aspectos visuais traduzidos para palavras, será necessário vocalizar as legendas com as falas dos personagens, ou seja, será necessário associar a AD à AL. Nesse caso, a roteirização tradicional em AD é acompanhada pela leitura das legendas.

### 2.3 Audiodescrição Didática – ADD

Em contexto didático, a audiodescrição recebe o nome de Audiodescrição Didática (ADD), tendo Elton Vergara-Nunes como expoente desse recurso. Sua tese (VERGARA-NUNES, 2016) originou alguns artigos, guias e manuais, sendo o *Guia prático de produção de Audiodescrição Didática* (2016), publicado por Zehetmeyr, Ferreira Filho e o próprio Vergara-Nunes, a base metodológica para as aulas ministradas desta pesquisa.

Segundo Vergara-Nunes (2016), a ADD é um recurso que deve ser utilizado pelo professor-audiodescritor considerando o grau da deficiência do seu aluno (se cegueira congênita ou adquirida ou baixa visão) e se este conhece cores ou quaisquer outros elementos visuais. O profissional pode, em sua construção, utilizar a subjetividade. Ou seja,

Se uma imagem representa uma emoção, ela deve estar contida na ADD e também provocar emoções. É necessário conhecer o usuário para que se possa considerar sua cultura. O aprendiz cego ou com baixa visão poderá, em igualdade de condições, utilizar o mesmo material didático apresentado aos alunos não cegos, tendo o professor-audiodescritor autonomia para incluir ou eliminar informações, pois o foco da aprendizagem será o potencial daquilo que se quer ensinar através da imagem. (VERGARA-NUNES, 2016, p. 242).

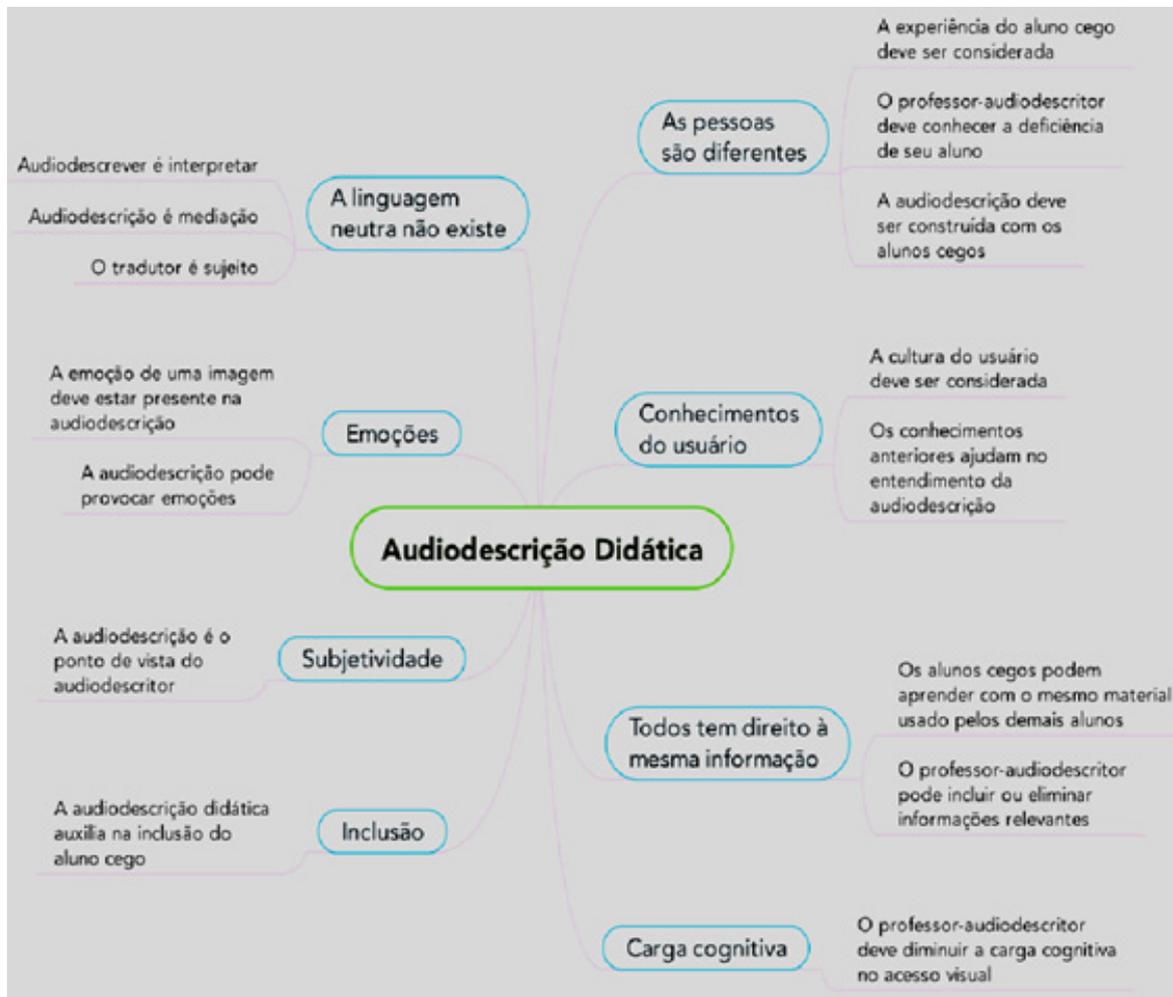
O autor ainda esclarece que a audiodescrição didática precisa ter características próprias, considerando o contexto educacional, e que não se prenda às “genéricas normas e orientações para audiodescrições comerciais” (VERGARA-NUNES, 2016, p. 242). Contudo, a ADD aplicada neste contexto, não foi objetivamente direcionada conforme apresentado no

---

7 \* 20/10/1956 – † 02/07/2013. Este pesquisador e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência merece menção nesta pesquisa, uma vez que, mesmo com suas limitações de saúde, continuou até 2010 lutando pela acessibilidade digital e cultural das pessoas com deficiência, tendo escrito inúmeros artigos e participado de várias palestras pelo país. Informações disponíveis em: <http://www.acessibilidadelegal.com/00-curriculo.php>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Guia (ZEHETMEYR; FERREIRA FILHO; VERGARA-NUNES, 2016), e levou em conta as características descritas no mapa mental a seguir:

**Figura 1.** Aspectos relevantes da Audiodescrição Didática – ADD



**Fonte:** Vergara-Nunes (2016, p. 242)

Portanto, diferente da audiodescrição apresentada por autores renomados na área, a Audiodescrição Didática pretende traduzir a imagem em palavras levando em conta as inferências de quem audiodescrever, tendo a subjetividade um papel importante nesse processo.

### 3 Base metodológica

Este trabalho surgiu da necessidade de ensinar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) a uma aluna com baixa visão por retinose pigmentar. A maior dificuldade estava em pensar em estratégias que pudessem favorecer a inclusão dessa aluna, a quem chamamos de A1, na turma em que estava durante o ensino remoto, ainda por conta da pandemia. A partir de conversas com a professora da IES, aqui chamada de P1, durante a aula de apresentação



do alfabeto em Libras, surgiu a ideia de produzir um material que fosse além do ensino da Libras, e fosse também um fator de inclusão de toda a turma. No entanto, ao percebermos as descrições de alguns sinais, apresentadas em um dicionário trilingue, sentimos que o texto apresentado não condiz com o sinal correspondente.

Lembrando que A1, segunda autora e foco deste relato, tem baixa visão em decorrência da retinose pigmentar, o que não proporcionava a percepção dos elementos visuais a partir de sua visão central já comprometida e ausência total de visão periférica. Então, toda a prática pedagógica foi adaptada e mediada a partir da audiodescrição da Língua de Sinais durante as aulas em regime remoto.

Toda a metodologia de trabalho foi desenvolvida no Google Meet, uma vez que no primeiro semestre de 2022 ainda havia aula no sistema remoto. Duas vezes na semana, no turno noturno, P1 ministrava as aulas sempre buscando adequar o ensino da Libras ao ambiente remoto. Por uma indicação, A1 matriculou-se nesse horário de aulas após algumas tentativas, pois não adiantaria matricular-se no componente que tivesse um docente surdo.

Inicialmente, a docente apresentou as primeiras letras, tendo a primeira autora como audiodescritora dos sinais para a aluna com baixa visão. P1 fazia o sinal duas vezes, os estudantes repetiam e, após isso, o sinal era audiodescrito a partir dos parâmetros da Libras, partindo da movimentação ampla para a específica, tal como o exemplo a seguir:

**Quadro 3.** Letras em Libras e sua respectiva descrição no *Deit-Libras*<sup>8</sup>

<b>A</b> 	<b>Descrição da imagem:</b> Mão vertical fechada, palma para frente, polegar tocando a lateral do indicador.
<b>B</b> 	<b>Descrição da imagem:</b> Mão vertical aberta, palma para frente, dedos unidos, polegar dobrado contra a palma.

**Fonte:** CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2015, p. 125; p. 345, adaptado).

Os sinais eram apresentados à aluna, inicialmente, a partir da publicação de Capovilla, Raphael e Maurício. Contudo, com o decorrer da leitura, P1 e a mediadora especializada perceberam que havia algumas distorções entre o que foi escrito e o sinal. Por isso, foi feita uma comparação da descrição do sinal apresentada no *Deit-Libras* e a audiodescrição realizada durante a aula para a aluna, verificando-se o seguinte:

<sup>8</sup> *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue, Deit-Libras*, é um dicionário publicado em 2015, por Fernando Capovilla, Walkíria Raphael e Aline Maurício. Em três volumes, a obra baseia-se no paradigma de linguística e neurociências cognitivas que fomenta o engajamento compreensivo e a articulação de processamento pelos hemisférios esquerdo e direito além do cerebelo. O dicionário apresenta 14 mil verbetes em português que correspondem aos 9.828 sinais de Libras e 56 mil verbetes em inglês correspondentes aos verbetes em português. A obra também apresenta a classificação gramatical dos verbetes, descrição escrita da forma e do significado dos sinais, exemplos de uso, e ilustrações gráficas dos verbetes.

**Quadro 4.** Letras A e B, em Libras e audiodescrição feita em aula

<b>A</b> 	<b>Descrição da imagem:</b> Palma da mão para frente e na altura da boca, fechada. Polegar encostado no indicador (análogo ao movimento feito para bater à porta).
<b>B</b> 	<b>Descrição da imagem:</b> Palma da mão para frente. Mão na altura da boca, ao lado do rosto. Dedos juntos e esticados para cima e polegar com a ponta apoiada na base do dedo anelar.

**Fonte:** Arquivo pessoal (2022).

A diferença entre a descrição do *Deit-Libras* e a audiodescrição é que a segunda traz elementos mais próximos ao que a aluna precisa compreender, por conta de sua baixa visão. Diferente da AD-Libras, a descrição do dicionário está, infelizmente, muito concentrada em um ou dois parâmetros de configuração das mãos o que, muitas vezes durante as aulas, confundiu A1, que acreditava ser ainda mais difícil aprender a língua se fosse feito o uso desse dicionário. Por essa razão, foi pensada a alternativa de audiodescrever os sinais levando em consideração os parâmetros descritos anteriormente, sendo aliados aos parâmetros básicos da AD relacionados à orientação espacial e expressões faciais, por exemplo. O quadro a seguir apresenta a descrição da letra Z no *Deit-Libras* em comparação com a AD feita para a aluna:

**Quadro 5.** Letra Z, em Libras e respectivas descrições, no *Deit-Libras* e audiodescrição da primeira autora

<b>Z</b> 	<b>Descrição da imagem <i>Deit-Libras</i>:</b> Mão em 1, palma para baixo, indicador apontando para frente. Mover a mão ligeiramente para a direita, diagonalmente, para a esquerda e para baixo e então, para a direita novamente.
<b>Z</b> 	<b>Audiodescrição da imagem:</b> Palma da mão para frente. Mão na altura do nariz, ao lado do rosto. Dedos mínimo, anelar e médio juntos e dobrados, encostando na palma da mão. Indicador esticado para cima. Polegar dobrado e segurando o dedo médio. A mão se movimenta em três movimentos sequenciais: reto, da esquerda para direita, desce na diagonal para a esquerda e, novamente, reto, da esquerda para direita.

**Fonte:** Arquivo pessoal (2022).

Assim, para a realização da audiodescrição da Libras para pessoas com deficiência visual (público primário desse recurso), foi pensada uma proposta de elaboração de parâmetros que seguem, *a priori*, os parâmetros estabelecidos para a organização dos sinais, ou seja:

- ponto de articulação;
- configuração de mão;
- orientação;
- movimento; e
- expressão corporal/facial.



É importante, antes de iniciarmos a audiodescrição de qualquer sinal, esclarecer que não há padrão de lateralidade, isto é, tanto faz que seja usada a mão direita ou esquerda. Contudo, é necessário utilizar o direcionamento manual quando necessário. E assim surgiu o trabalho de audiodescrição da Língua Brasileira de Sinais, que permite aos estudantes com deficiência visual, matriculados em cursos de Licenciatura, sua plena inclusão nas atividades práticas desse componente curricular, além de propiciar também a elaboração de símiles e metáforas que possam gerar a elaboração manual do sinal solicitado.

### **Considerações acerca da atividade**

A proposta do texto foi apresentar como a audiodescrição, especificamente a didática, pode contribuir para a formação docente de pessoas com deficiência visual, dinamizando o bom andamento das aulas, principalmente com a utilização de metáforas e símiles na descrição dos parâmetros e sinais.

A proposta de audiodescrever a Língua Brasileira de Sinais para pessoas com deficiência visual foi iniciativa de duas professoras que perceberam, em suas práticas docentes, a real necessidade de garantir a acessibilidade para a aprendizagem das pessoas com deficiência visual. Sem vínculos com grupos de pesquisa ou quaisquer outras atividades acadêmicas, a atividade foi pensada de maneira conjunta entre a docente da IES, a aluna e a primeira autora, provando que este tripé é de fundamental importância para a construção de um ensino verdadeiramente inclusivo, em quaisquer ambientes, em quaisquer espaços formais e não formais de aprendizagem.

A Audiodescrição Didática mostra-se uma excelente ferramenta para agilizar o trabalho docente sem que haja uma distorção da proposta de uso dessa tecnologia assistiva e reforçando a ideia de que a simples descrição de algo não é suficiente para trazer o estudante cego ou com baixa visão à compreensão do que é a obra, como se constitui e em que momento ela foi concebida. Assim, a aluna construiu, após esta atividade, um conhecimento que ela mesma julgava impossível, mas que, a partir da audiodescrição e da orientação competente da docente, tornou-se algo prazeroso e repleto de interesse.

Propostas como essa são importantes na medida em que favorecem a educação inclusiva e desmistificam a ideia de que audiodescrição precisa ser técnica quando se necessita de agilidade e criatividade no acolhimento desse público nas atividades pedagógicas. Isso não significa que a audiodescrição deva ser feita de qualquer jeito. Significa que todos, sem exceção, precisam ser agentes do processo educacional. Significa que o contexto de formação



inicial e continuada devem trazer possibilidades para sejam aplicadas técnicas e estratégias cuidadosas para atender pessoas com deficiência visual nos espaços formais e não formais de aprendizagem.

## Referências

- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. *Novo DEIT-Libras – Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: EdUSP, 2015.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO. FACED. *Projetos pedagógicos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFBA*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: [https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/curriculo\\_do\\_curso\\_de\\_licenciatura\\_em\\_pedagogia.pdf](https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/curriculo_do_curso_de_licenciatura_em_pedagogia.pdf). Acesso em: 04 mai. 2023.
- FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. *Libras em contexto: curso básico - livro do professor*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, 2006.
- FERREIRA, Adir Luiz *et al.* *Aprendendo Libras: módulo 2*. Natal: EDUFRN, 2011.
- FRANCO, Eliana Paes Cardoso. Audiodescrição e deficiência intelectual: um estudo sobre o papel do usuário. *Inventário*, n. 21, p. 1-18, jul. 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/article/view/27458/16452>. Acesso em: 08 nov. 2021.
- FRANCO, Eliana Paes Cardoso; ARAÚJO, Vera Lucia Santiago. Questões terminológico-conceituais no campo da Tradução Audiovisual (TAV). *Tradução em Revista*, n. 11, p. 1-23, 2. sem. 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2023.
- LOURENÇO, Erica A. Garrutti *et al.* (org.). *Acessibilidade para estudantes com deficiência visual: orientações para o Ensino Superior*. [São Paulo]: UNIFESP, 2020. (Coleção Deficiência Visual, v. 1). Disponível em: <https://accessibilidade.unifesp.br/images/PDF/Ebook-Colecao-DV01-2020.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2023.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *In: VIVARTA, Veet* (coord.). *Mídia e deficiência*. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância: Fundação Banco do Brasil, 2003. p. 160-165.
- VERGARA-NUNES, Elton. *Audiodescrição didática*. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/y4551heqodarj2w/Audiodescri%C3%A7%C3%A3o%20Did%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.



ZEHETMEYR, Tania Regina de Oliveira; FERREIRA FILHO, Raymundo Carlos Machado; VERGARA-NUNES, Elton. *Guia prático*: produção de Audiodescrição Didática. Pelotas, RS: Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, 2016. *E-book*. Disponível em: [http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/939/GUIA\\_TANIA\\_V2.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/939/GUIA_TANIA_V2.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 mai. 2021.

---

Recebido em: 17.12.2022

Revisado em: 11.4.2023

Aprovado em: 15.5.2023